MATERIALIDADE E VIRTUALIDADE NOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Apresentação

O X congresso internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) marcou os 25 anos de existência da associação. Vinte e cinco anos de estudo do processo criativo no Brasil. A data não podia passar em branco. E não passou. De 24 a 26 de novembro de 2010, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) acolheu, em seu campus de Porto Alegre, os trabalhos dos 120 participantes. Organizado em conjunto pela Coordenadora Executiva do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, Alice Therezinha Campos Moreira e o Presidente da APCG, José Cirillo, os trabalhos debateram a questão da materialidade e da virtualidade no processo de criação. Trata-se de um tema crucial nessa época de transição, em que os recursos virtuais se instalam na grande maioria das áreas do saber, ciências, cultura, artes, e no dia-a-dia.

No entanto, ainda não entramos na área do *tudo virtual*, mas a mutação tecnológica é inexorável. Essas novas práticas poderiam anunciar o fim dos estudos genéticos que se embasam na análise da materialidade dos rastros criadores? Foi o cerne das palestras[1] apresentadas por Almuth Grésillon (Institut des Textes et des Manuscrits Modernes – ITEM/Paris), Pierre-Marc de Biasi (ITEM/Paris), Daniel Ferrer (ITEM/Paris) e Philippe Willemart (Universidade de São Paulo – USP). Por outro lado, esse décimo encontro de geneticistas foi também o palco de um balanço dos projetos de pesquisa desenvolvidos não somente no Brasil, mas também no Conesul.

O que possibilita e legitima o trabalho do geneticista é a existência da materialidade dos rastros deixados pelo artista, qualquer que seja a área em que atua. É o marco imprescindível para a pesquisa genética. Sem rastro a crítica genética não se sustenta. É o consenso. As opiniões começam a divergir quando se entrar na questão da qualidade desses rastros. Rastros matérias, unicamente? Ou será que rastros virtuais, também, podem suportar um estudo genético?

[1] Conferências reunidas em livro editado pela editora Horizonte*, Materialidade e Virtualidade nos processos criativos*.

No campo da crítica genética, materialidade e virtualidade não são dois mundos em oposição. Tampouco não são mutuamente excludentes.

Se é inegável que o ponto de partida de um estudo concerne aos restos, aos resíduos da criação, é também inegável que desde o seu primeiro trabalho de análise, o geneticista "virtualiza" esses rastros, os separa do suporte concreto, os arquiva. Ele reproduz, por exemplo, o manuscrito, que ele vai digitalizar para facilitar manuseio, leitura e estudo. Assim passa para essa dimensão que possibilitará ampliar à vontade a rasura ilegível, o risco tênue que o olho não consegue decifrar. E nascem, dessa forma, os arquivos da criação. De um lado, são manifestos em sua existência "material" nas gavetas, do outro, existem em "virtual" nas pastas e arquivos digitais. As gavetas se expandem e o conceito de documento se reestrutura no campo ampliado dos fenômenos da contemporaneidade – o que muda é o modo de manifestação desse documento, mas nunca suas funções no processo de criação.

No mundo inteiro, a maioria das instituições de conservação e preservação da memória cultural tem uma política de digitalização e colocação *online* de seus acervos. Assim, as distancias estão abolidas. Todo pesquisador pode, sem sair de sua casa, acessar o documento e lançar-se no estudo.

Esse e-book reúne as comunicações que foram apresentadas durante o congresso nas diversas sessões de trabalho.

Os organizadores